A Casa Tombada

Faconnect - Faculdade Conectada Pós-graduação Lato Sensu “O Livro para a Infância: processos contemporâneos de Criação, Circulação e Mediação”

Vanessa Guarani Ratton

Py'a Mongeta: O livro para a Infância, histórias indígenas e o conceito de ecoafetividade

Trabalho de conclusão de curso apresentado n´A Casa Tombada, como parte dos requisitos exigidos para obtenção dos título de especialista em Pós-Graduação Lato Sensu - O Livro para a Infância: processos contemporâneos de Criação, Circulação e Mediação, sob a orientação da professora Ananda Luz e Cristiane Rogério.

São Paulo- SP

2026

Resumo

Este artigo trata da importância da literatura infantil e juvenil escrita por indígenas para despertar a ecoafetividade, conceito que cunhei baseado na ecopoética e por acreditar na possibilidade da literatura infantil, durante a primeira infância, ter o poder de através da arte da palavra, de fazer penetrar o vento de Jakaíra, cuja missão espiritual, para nós guaranis, é tocar a alma humana para que ela se harmonize com natureza e consiga praticar o bem-viver.

Para tanto, definimos o conceito e usamos o conto de fadas universal da Chapeuzinho Vermelho para falarmos da relação do homem com a natureza na perspectiva indígena. Se uma fera, uma criança, um caçador e um de seus avós, se encontrassem numa aldeia Indígena , como seria essa história? É possível, através da literatura infantil, fazermos a criança amar a natureza antes de ter que salvá-la? Uma adaptação do questionamento do educador David Sobel: “Dê às crianças a chance de amar a Terra, antes de pedir que elas a salvem.”. Um conceito baseado totalmente no modo de viver ancestral.

Palavras-chave: o livro para a infância, literatura infantil indígena, povos originários, ecoafetividade.

Introdução

"Dê às crianças a chance de amar a Terra, antes de pedir que elas a salvem." David Sobel

Em 2020, senti os ventos de Jakaíra[1], recebi um chamado. Me uni à parenta Eva Potiguara para formarmos um novo galho da árvore chamada Mulherio das Letras que florescia desde 2017: seria o Mulherio das Letras Indígenas. Ela com medo que eu não aceitasse, eu com o coração em tambor, como se minha alma ansiasse pelo convite.

Um ano antes, a escritora indígena de Natal, me chamou para conversar no 3º Encontro Nacional do coletivo Mulherio das Letras e eu contei a ela que minha bisavó era guarani, nascida na aldeia da reserva Rio Silveira, entre São Sebastião e Bertioga, no litoral de São Paulo, mas fora sequestrada aos três anos de idade, criada na cidade e casada com um português. Ali, Eva colocou seu cocar em mim e disse: você também é indígena, faça sua retomada identitária[2]. Eu não sabia o que era isso, mas eu guardei

[1] Jakaíra na cosmologia Guarani é o deus da bruma, uma das divindades primordiais que participou da criação do mundo. É guardião da bruma onde nascem as belas palavras, o princípio anímico e a linguagem humana, essenciais para a vida e identidade guarani. É associado ao Norte e ao Ara Pyau (Primavera), de onde vem os bons ventos e o florescimento.

[2] Retomada Identitária é um movimento de indivíduos ou famílias que, após gerações de afastamento, expulsão ou vivência em contexto urbano, rompem com o apagamento colonial e voltam a se reconhecer, assumir e integrar em suas comunidades e etnias de origem. Sabemos que a história dos povos originários do Brasil foi marcada por incasões, guerras, escravização, deslocamentos forçados, violência sexual e políticas de assimilação. Muitas mulheres indígenas não deixaram suas aldeias por escolha; foram obrigadas por circunstâncias da colonização a viver entre os não indígenas e a formar famílias com os portugueses ou outros colonizadores. Consideramos que seus filhos e netos não deixaram de ter origem indígena por causa dessa violência hostórica. Como lembra, o filósofo e escritor Ailton Krenak, a identidade indígena não pode ser reduzida a uma ideia de "pureza". Hoje temos indígenas isolados, indígenas de recente contato, indígenas aldeados que tem contato com os não indígenas, e os indígenas em de contexto urbano (os que vem de alguma ideia) e os indígenas autodeclarados que estão buscando essa identidade, muitos não sabem de onde vem a sua raiz. É importante que a pessoa busque a sua origem e seu pertencimento. A ministra Sônia Guajajara falou sobre isso no programa Roda Viva da TV Cultura, em 21 de março de 2023. O pensador Nego Bispo também ensina que a colonização tentou romper os vínculos comunitários e impor uma lógica de classificação e exclusão. Por isso, somos contra reproduzir critérios de "sangue puro" ou negar quem está em processo de retomada pode significar repetir categorias criadas pelo próprio sistema colonial e não pelas cosmologias indígenas. As retomadas são processos complexos de reconstrução de vínculos, memória, território e pertencimento. Cada povo tem sua autonomia para definir seus critérios de pertencimento, mas é importante reconhecer que muitas famílias foram afastadas de

comigo. Quando coorganizei o Álbum Guerreiras da Ancestralidade[3] e publiquei pela minha editora, a Amare, as manas me convidaram a escrever também. Foi uma honra, mas isso representava um compromisso: estude a cosmovisão, a língua, busque seu povo, viva a cultura indígena.

Havia muitas histórias que rondavam minha família. O pai de minha mãe era filho de uma indígena bororo, do Xingu, mas eu não tinha conhecido minha bisavó bororo, nem meu avô, que já havia falecido. Então, minha avó Maria contava que ela era "brava" (um preconceito e um estereótipo, infelizmente, comum), e contava que meu pai era neto de Guarani, de Bertioga. Eu não tinha contato com meu pai. Meus pais se separaram quando eu tinha apenas três anos. Mas, havia, em cima do móvel da sala, três indígenas esculpidos em madeira. Meu coração de menina olhava ali e via meu pai e sua família.

Meu pai, Tabajara, foi ator e dramaturgo, foi num curso de teatro que ele conheceu minha mãe, Elisa, que era atriz e diretora. Ele também nasceu na cidade, sem contato com a cultura do nosso povo Ele queria que eu me chamasse Juçara, mas minha mãe preferiu Vanessa. Foi uma grande emoção quando eu o levei pela primeira vez na aldeia. Meu pai tem os traços étnicos do povo, já eu sou mais uma mistura, de portugueses, guaranis, italianos e bororo. Meu pai voltou para a minha vida quando eu já tinha 18 anos. Foi um avô presente para meus filhos. E eu voltei para vida indígena após 50 anos, meio século, mas fui consagrada e desbatizada. E sou, hoje, Ara Poty, flor da manhã, e passei a assinar minhas obras como Vanessa Guarani Ratton.

Estudei tudo que podia, mas faltava o grande passo. E foram as águas do Rio Silveiras transbordando, causando a maior enchente no litoral norte de São Paulo, atingindo a minha aldeia, que me fez chegar ao cacique Adolfo Timoteo e aos parentes guarani, em 2023. Meu esposo, jornalista e roteirista, Carlos Ratton, fez reportagem e

---

suas comunidades pela violência do estado e da colonização, e não por vontade própria. É importante ouvir as histórias de cada um, pois a memória da violência não deve servir para excluir quem busca reconstruir seus laços com seu povo.

[3] O Álbum Guerreiras da Ancestralidade, vencedor do Prêmio Jabuti em 2023, foi idealizado por Eva Potiguara e organizado por ela e por mim, que também fui a editora e coautora. Nesta obra 63 escritoras indígenas de diversas etnias de todo o país foram apresentadas e publicaram seus textos.

entrevistou o cacique. Conseguiu uma grande doação de alimentos e roupas para a aldeia. E eu tive o ímpeto de pedir que o Cacique nos atendesse e contei a minha história. Foi assim, que a amana, água que vem do céu (chuva) e a cheia do rio (y) me levaram até a Reserva Rio Silveiras. Foi lá que as histórias indígenas *Pena Vermelha* e *Sementes* nasceram. Foi lá que eu renasci para a minha cultura e rompi com a cultura colonial[4] sendo contracolonial.

Como disse o filósofo e escritor Ailton Krenak (reprodução no Artigo de SILVA, 26 de fevereiro de 2025): “ A gente não tem que fazer uma crítica decolonial, a gente quer fazer uma crítica contracolonial. (...) denunciar e detonar o pensamento colonial como uma coisa que se perpetua inclusive a partir da nossa própria maneira de produzir conhecimento.”.

Eliane Potiguara fala em seu livro Metade Cara, Metade Máscara, sobre o processo de escravização indígena, que fez com que muitos pais e até famílias realizassem o suicídio em massa contra essa forma de opressão. Despencaram de Penhascos como forma de resistência. O que ocasionou a separação de muitas famílias. Além da migração forçada." Isso provocou insegurança, distúrbios, medo e pânico, causando loucura, violência interpessoais, suicídios, alcoolismo, timidez e baixa autoestima diante do mundo. Tudo isso motivado pelo racismo contra povos Indígenas e em prol da colonização europeia." (POTIGUARA, Eliana. 2019, Pg23)

Nada disso é diferente hoje, mesmo no século XXI, a violação aos direitos dos povos indígenas e a luta pela terra continuam e nós indígenas continuamos essa resistência, mas a literatura indígena passou a ser mais uma estratégia de luta e resistência. Por isso, foi tão importante para nós mulheres indígenas, lançarmos o Álbum Guerreiras da Ancestralidade porque nos deu muita visibilidade, ampliando o

[4] Cultura colonial é a estrutura de poder, conhecimento e cultura herdadas do colonialismo europeu. Para ser contracolonial, segundo o filósofo indígena e escritor Ailton Krenak (GAUTHIER, Jacques Moendy. Sociopoética e Contracolonialidade. Dialética Ed, São Paulo, 2024), os indígenas resistem continuamente contra a imposição de um modo de vida destruidor, por isso não usa o termo decolonial e sim contracolonial. Já o termo descolonial prega a necessidade de romper com as práticas e pensamentos etnocêntricos, valorizando saberes, culturas e subjetividades subalternizadas, como as indígenas e africanas.

número de autoras indígenas atualmente nas grandes editoras. Nosso coletivo une mulheres indígenas aldeadas, em contexto urbano e em retomada.

Através do Mulherio das Letras Indígenas, criamos uma agenda para levar o *Álbum Guerreiras da Ancestralidade* pelo Brasil, que envolveu apresentações de algumas manas no V Encontro do Mulherio das Letras, na Paraíba, no SESC Pinheiros, em São Paulo, No Flipoços, em Minas Gerais, na Estação Cidadania, em Santos, no Festival Palavras de Fogo, em Portugal, na FLIX - Festa Literária do Xingu, no Pará. Esse projeto de Fomento à Leitura Indígena, reunindo 63 escritoras de diversas etnias e parte dessa Terra de Pindorama, chamada de Brasil, após a colonização, me inspirou a inscrever este projeto de fomento à leitura indígena no Prêmio Jabuti, uma dos mais importantes premiações do país. Em 2023, por desejo do criador e força dos encantados, ganhamos o prêmio.

Tenho convicção que ganhamos esse prêmio e outros que virão para chamar a atenção do mundo para a necessidade da cura da Terra, não para ela mesma, a Terra vive sem nós, nós não sobreviveremos sem ela. Quando conheci os princípios da cultura Guarani: a Natureza como Mãe, a Ancestralidade Vertical e Horizontal, o Acolhimento e o Compartilhamento, comecei a entender o bem-viver[5] dos Guarani. E como professora, não sei ensinar o que não vivo. Portanto, passei a reaprender toda minha cultura e crenças e, estou ainda em construção, apesar de ser notório que vivia cercada de sinais e reconexões que só fizeram sentido para mim, depois que fiz a retomada identitária.

Por exemplo, sempre fui uma criança que, diferente do meu irmão mais velho, vivia descalça e subia em árvores. Falava com o vento e com o mar. Não gostava de ver passarinho em gaiola e, uma das primeiras coisas que fiz com meu esposo, foi fazê-lo desmontar um viveiro de pássaros e ensiná-lo a cuidar dos passarinhos livres,

[5] O bem viver Guarani, chamado de Teko Porã, é um conceito filosófico e de vida que se refere à harmonia e ao equilíbrio entre os seres humanos, animais e a natureza. Valoriza o pertencimento, o coletivo, a solidariedade e o respeito pela Mãe Terra. Busca o Yvy Marey (a Terra sem Males), um estado de bem-estar e plenitude na vida presente e não um paraíso após a morte, como conceitua o xamã e escritor indígena Kaká Werá (WERÁ, Kaká. Tekoá. São Paulo, 2025).

dando água e frutas. Ele é agraciado pelos encantados[6], pois os passarinhos entram em casa para chamá-lo, além dele cultivar flores e plantas como ninguém.

Eu, herdei de minha avó Maria, os benzimentos e os chás que ela fazia. Com quem aprendeu, não sei, mas apesar de ser filha de italianos, ela se casou com um descendente de bororo, então, talvez, tenha sido com a sogra dela, não sei. Só sei que até o tipá, eu comia em casa, feito por ela, sem saber que era tipá (massa de água e farinha frita), ela chamava de "espera marido", uma massa que comia para matar a fome até meu avô chegar para o almoço.

Por ter nascido numa família de gente de teatro, comecei a escrever peças teatrais infantis e fui criada na plateia. *Os Saltimbancos*, peça de Chico Buarque, me ensinou a olhar os animais como seres explorados. E Flicts, de Ziraldo, ambos com montagem e direção de meu tio, Atanazildo (pássaro que voa, segundo minha vó, mas desconheço a grafia na língua indígena), nome artístico Tanah Corrêa, me fez pensar por que ele teve que ir morar na lua e não abrimos espaço para mais uma cor em nossas vidas. Se Jaxy, a lua, acolheu a cor Flicts, [7] e eu não me dei conta, naquela época, como isso se relacionava com a diversidade de tons de pele dos povos indígenas, e, também, eu, como a cor Flicts, muitas vezes, por ter pele clara, sou vista com olhares desconfiados por pessoas que apenas enxergam no fenótipo a identidade indígena e não o modo de viver. Mas, eu também fui acolhida pela Mãe Terra, Abya Yala[8], como chamamos a América, que apesar de ser explorada como a personagem árvore de *A Árvore Generosa*[9], nunca deixou de alimentar seus filhos e

---

[6] Encantados são seres espirituais da Natureza que vivem no Encanto, lugar dos invisíveis junto ao mundo visível, protetores e guardiões da Terra e que, por vezes, se comunicam conosco, ajudando ou dando lições, estão presentes em todas as cosmovisões dos povos originários,(*Idem*).

[7] Para quem não conhece a história, Flicts era uma cor diferente que não encontrou espaço nas bandeiras, na caixa de lápis etc., por isso, teve que ir viver na Lua, pois só lá existia a cor Flicts. Ziraldo. *FLICTS*. Melhoramentos, 2019, 80 p.

[8] Termo usado por diversos povos indígenas para se referir a América. A origem é do povo Kuna, localizados entre o Panamá e a Colômbia. Significa terra de sangue vital e é usado pelo movimento indígena desde a década de 1990 para dar unidade e pertencimento a identidade indígena e soberania dos povos deste continente.

[9] Nesse clássico livro, a árvore e o menino vivem uma relação especial, o menino come suas maçãs, brinca em seus galhos e descansa a sua sombra, porém, conforme cresce, ele passa a querer muitas coisas e não apenas a companhia da árvore, que vai cedendo todos os seus recursos ao homem, renunciando à sua própria vida. Silverstein, Shel. A árvore generosa. Companhia das letrinhas, 2017, 64 p.

filhas. Quando li esse livro de Shel Silverstein, algo em mim, acendeu. O que era aquele amor da árvore pelo menino que a usou de todas as formas e nunca lhe foi devidamente grato, respeitoso ou amoroso. Essas obras, entre outras, mas principalmente essas, me fizeram ver o mundo de uma forma diferente. Eu simplesmente não me encaixava.

Minha formação em jornalismo me fez ter uma preocupação social, mas o amor pela natureza me levou a estudar responsabilidade socioambiental no mestrado na PUC São Paulo, e a criar projetos para o Hospital Ana Costa, no Campo Grande, em Santos, SP, onde eu trabalhava para levar mais amor, acolhimento e respeito à natureza e aos pacientes. Assim, nasceu a Turma do Meio Ambiente, um gibi com ensinamentos de preservação ambiental, premiado pelo Instituto Ethos de Responsabilidade Social[10]. Depois, veio, em parceria com o SESC Santos, o projeto Planeta Vivo, onde ensinávamos às crianças sobre a importância do meio ambiente e dávamos carteirinhas para eles para serem agentes de preservação do planeta. Também transformei em livro de receitas, uma culinária feita com talos, cascas e raízes de frutas, legumes e verduras, trabalho conjunto com as nutricionistas pesquisadoras, pensando no melhor aproveitamento dos alimentos.

Tempos depois, fui trabalhar na área da educação, e no Senac Santos, acabei indo para ser professora também do programa Jovem Aprendiz[11] e ainda da Fundação Casa[12]. Essas experiências foram muito importantes, pois, apesar de eu ter magistério, e ter pós-graduação em teatro brasileiro, eu estava longe da sala de aula. O contato com crianças e jovens me fez ver a importância de fazer mais, acolher os mais novos e compartilhar conhecimentos. Para ser uma educadora melhor, estudei Psicopedagogia, para ser um ser humano capaz de pensar em como restaurar a

[10] Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social é uma organização sem fins lucrativos que tem como missão mobilizar, sensibilizar e ajudar empresas a gerir seus negócios de forma socialmente responsáveis.www.ethos.org.br

[11] Programa Jovem Aprendiz é uma iniciativa legal no Brasil que insere jovens de 14 a 24 anos no mercado de trabalho, combinando trabalho prático com capacitação teórica e tem instituições de ensino parceiras como SENAC e SENAI.

[12] Instituição do governo do Estado de São Paulo que executa medidas socioeducativas para menores (entre 12 e 21 anos incompletos), em regime de internação ou semiliberdade, que cometeram atos infracionais.

convivência entre pessoas em conflito com a lei ou com outras pessoas, propondo a construção coletiva de uma solução e a reparação do problema causado, ou seja, ao invés de retirar as pessoas infratoras do convívio social e puni-las - sem que reflitam e se responsabilizem pelo reparo do que causaram e sem ouvir a vítima e suas necessidades, estudei Cultura de Paz e Justiça Restaurativa e, mais uma vez, ali aprendi que o saber do bem-viver, para um mundo melhor, mais respeitoso e inclusivo, estava na sabedoria dos povos originários. Depois, aprendi com meu povo que não existe teko (o mode de ser) sem tekoá (que é o território físico, os encantados que ali vivem e a comunidade).

Círculos de construção de Paz, também chamado de processos restaurativos focados no diálogo em rodas de conversa, um método "criado" pela professora norte-americana Kay Pranis (PRANIS, Kay. Processos Circulares. Palas Atenas, São Paulo, 2010) uma das bases metodológicas da Justiça Restaurativa no Brasil, era baseado na cultura dos povos originários da Austrália. E tem muito em comum com os povos originários do Brasil. Assim como as técnicas de Comunicação Não Violenta (CNV) "criada" pelo psicólogo Marshall Rosenberg (2021) e a filosofia da educação baseada no lugar, "criada" pelo educador David Sobel[13]. Utilizo essas aspas, pois todos têm em comum alguns princípios da cultura indígena, principalmente quando falam de ancestralidade, do respeito à ordem, dos que vieram antes de nós, de que tudo está ligado, de que todos somos responsáveis pela educação dos mais novos, de que a natureza é fundamental para o desenvolvimento do ser humano e que é possível aprender com ela. E tantas outras ciências e saberes que foram, de certa forma, apropriados, copiados, inspirados em conhecimentos dos povos ancestrais, tanto

[13] A teoria de David Sobel, um dos maiores expoentes da Educação Baseada no Lugar (Place-Based Education - PBE), foca na conexão profunda entre a criança, a comunidade local e o meio ambiente. Sabemos que os povos indígenas ensinam as crianças sobre a natureza, a cultura e a cosmovisão dessa forma desde sempre. No banho de rio, nas caçadas, nos plantios, na seleção das plantas e raízes para as curas.

Os ensinamentos cotidianos são transmitidos de forma oral e na natureza, pelos pais e mais velhos, ao redor das fogueiras ou nas casas de rezo, pelo cacique e pelo pajé. Se para Sobel, a educação não deve ser algo que acontece "dentro de quatro paredes" sobre lugares distantes, mas sim algo que emerge do quintal da escola e da vizinhança, para os povos originários, isso já ocorre dessa forma naturalmente.

africanos como indígenas, mas que no papel, são registrados como conhecimento de brancos letrados.

Trazendo todo esse passado para a minha literatura, nessa época eu usava o pseudônimo Tatá Bloom, nasceram obras como *Um Vizinho Muito Especial (Tatá Bloom e Clayton Mayers, KDP, 2016)*, e-book gratuito para promover a inclusão de pessoas com deficiência; *Um dia de Paz Restaurativa*, primeira obra infantil sobre Justiça Restaurativa, (Tatá Bloom, Lili Rezende e Danilo Lopes, Amare Editora, 2020), com versão em inglês, realizada por uma estudante da Universidade de IOWA, com apresentação da própria Kay Pranis. Esta obra é utilizada em toda rede pública municipal da cidade de Santos, onde nasci, para fundamentar o trabalho dos Núcleos de Educação para a Paz, que visam mediar e prevenir conflitos nas escolas.

O Coração da Selva (Tatá Bloom, Selma Lara e Nice Lopes, Amare Editora, 2021), falando sobre empatia, e trazendo animais da África, pois a girafa é o símbolo da CNV; e *Paz no Coração (Vanessa Ratton, Lili Rezende, Val Marques e Caio Ratton, Amare Editora, 2025)*, obra que visa desconstruir o machismo já em crianças, a partir dos 9-10 anos, sendo uma ação para contribuir com a diminuição da violência contra mulheres e o feminicídio.

Outras obras minhas trazem esse tema da violência contra a mulher, a questão do racismo e do bullying, para jovens: *Encontros à Hora Morta (Vanessa Ratton,* Maria Valéria Rezende, Alexandre Camanho, Florear Livros, 2021); *Quando a Lua é Cheia (Vanessa Ratton e Marcela Pialarissi, Pantograf Editora, 2021)*, *Os meninos do Escolástica* - finalista do Prêmio Barco a Vapor em 2023 - *(Vanessa Ratton, Editora Jandaíra, 2024)*.Tenho ainda 25 obras escritas, algumas delas, antes da retomada, mas de alguma forma todas se conectam com a natureza ou com o jeito de estar no mundo, como *Nos Mares do Mundo (Tatá Bloom e Patycake, Madrepérola, 2019),O Ratinho que não gostava de queijo, (vanessa Ratton e Nice Lopes, Amare Editora, 2022) Pé-de-Vento e Serafina (Vanessa Ratton e Dane D´Angeli, Florear Livros, 2024)*, *O que é que tem na cabeça? (Vanessa Ratton e Fê, Elo Editora, 2022), A menina que engoliu uma rima (Vanessa Ratton e Nice Lopes, Florear Livros, 2023), Uma menina detetive (Vanessa Ratton e Andrea Ally, Editora Bambolê, 2023), O sapo não leva o pé?*

(Tatá Bloom e Celo Franco, Editora Amare, 2021), A história do Sapo (Vanessa Guarani Ratton e Cacique Adolfo e Val Marques, Amare Editora, 2025), Contos Indígenas de Pindorama (Amanda Simpatia, Cláudia A. Flor D´Maria, Eva Potiguara, Lucia Tucuju, Nora Pimentel e Vanessa Guarani Ratton, Amare Editora, 2024), O Castelo dos Contrários (Vanessa Ratton e Juan Otarola, Amare Editora, 2025), Festa no Jardim (Vanessa Ratton e Guto Rocha, Editora Joaninha, 2025), Sementes (Vanessa Guarani Ratton, Editora do Brasil, 2025), O enigma da família Rener (Vanessa Ratton e Lalan Bessoni, Leiturinha, 2026) e a coletânea Vozes das Filhas da Terra, organizado por mim pelo selo Mulherio das Letras Indígenas, lançado no formato e-book, em novembro de 2025, quando o Brasil sediava a COP 30[14].

Depois, vieram *A história do fogo (Vanessa Guarani Ratton e Dane D´Angeli, Editora Florear, 2025)*, obra recém-publicada, que é um reconto do mito Guarani, nós que somos os guardiões do fogo. E*, Carlota* (Vanessa Ratton e Alexandre Camanho, Editora Joaninha, 2025), ainda não publicada, sobre uma mulher em situação de rua. Reverenciando e acolhendo aqui, meu avô, filho de indígena, pai de minha mãe, que por causa do desemprego, tornou-se alcoólatra e viveu em situação de rua. Foi assistindo ao documentário *Colchão de Pedra*, feito pelo meu esposo, sobre as pessoas nessa situação, que me inspirei para fazer a história. Ambos os livros estão selecionados para o PNLD do MEC e devem ser publicados em breve.

Importante ressaltar também que a literatura me levou para fora do Brasil, em 2018, pelo Mulherio das Letras, estive em Augsburg, na Alemanha, a convite da Associação Mulheres pela Paz, para lançar uma coletânea bilíngue sobre a Paz. Em 2024, a convite do festival Literário do Interior Palavras de Fogo, estive em Portugal rondando várias cidades da região de Coimbra contando histórias indígenas e espalhando os fundamentos da cultura guarani. Por onde fui, semeei livros. Em 2024, fui convidada pela Rede de Bibliotecas Escolares de Portugal, a integrar o projeto *Read On Portugal*, que visava naquele ano falar sobre “Cidadania e Interculturalidade”,

[14] COP 30 foi a 30º Conferência organizada pela ONU com a participação de diversos países para discutirem ações que possam combater as mudanças climáticas.

sendo a única representante brasileira do projeto de mentoria de escrita para jovens do Ensino Médio, até o presente momento.

O que entendi, depois de meditar sobre minha trajetória, é que a palavra sempre esteve presente no meu trabalho (professora, jornalista, escritora, atriz, mestre de reiki, taróloga, benzedeira e psicopedagoga). Quando descobri que para os guaranis, a palavra tem alma, e pode ferir ou curar as pessoas, eu entendi que o que eu buscava era usar a palavra (escrita ou falada) para curar as pessoas e o planeta, afinal, a natureza é cura mental e física para todos nós.

Nesse mesmo ano, resolvi que deveria dedicar a minha vida à literatura infantojuvenil e tomei duas decisões importantes: me inscrever na pós-graduação O Livro para a Infância e, deixar de atuar diretamente na escola. A pós me enriqueceu muito, as histórias compartilhadas, um jeito diferente de aprender, fazendo, ouvindo e falando. A inspiração de três livros nasceram de algumas dessas aulas, mas mais do que isso, um livro ilustrado nascerá - quando achar a sua casa editorial - para contar a história da minha retomada identitária indígena, mas tenho certeza de que essa pesquisa sobre literatura indígena e a ecoafetividade tem n´A Casa Tombada, onde ganhou pensamento e formato, o seu lugar verdadeiro.

Ecoafetividade

Para mim, os ventos de Jakaíra, que tem a função espiritual de penetrar no espírito humano para trazer a harmonia com a natureza é quem me inspira a falar de ecoafetividade. Que conceito é este? Parto do subgênero ecopoesia, trançando raízes com a ecopoética, sedo uma forma multidisciplinar de relacionar a poesia, a ecologia e o meio ambiente. Seria “poetizar o lugar da habitação”. A ecopoética é para quem vê a natureza como parte e não como algo fora do ser humano. Critica e questiona a forma como o progresso traz a destruição ambiental. O conceito manifesta-se também na arquitetura e nas artes em geral. Entendo que a Ecopoética dialoga e

questiona nossa relação com a natureza e a Terra, surgindo da urgência ecológica contemporânea.

O conceito que crio para a literatura infantojuvenil é o da ecoafetividade, que visa sensibilizar as pessoas para a preservação da Mãe-Natureza. Principalmente, na primeira infância, pois é quando aprendemos valores para toda a vida. Por isso, gosto muito da frase que abre este artigo científico: “dar oportunidade de a criança amar a natureza antes de pedir para salvá-la”, inspirada na obra de David Sobel[15] (2006).

Eco, no significado da palavra (repetição de um som, som que é produzido pela reflexão de uma onda sonora por uma superfície ou um objeto) e também de ecologia (que é a ciência que estuda as relações dos seres vivos entre si ou com o meio orgânico ou inorgânico no qual vivem). Para o povo tupi guarani, nós somos som em pé, somos uma melodia única do grande criador.

Afetividade, não só no significado da palavra (qualidade de quem é afetivo), mas no sentido da Psicologia, ou seja, conjunto de fenômenos psíquicos que são experimentados e vivenciados na forma de emoções e de sentimentos. Acreditamos no conceito afirmado por Henri Paul Hyacinthe Wallon, filósofo, médico, psicólogo e político francês, dedicado sobretudo ao estudo da infância, que afirmava valorizava a afetividade, ou seja, a capacidade humana de ser afetado pelo meio, positiva ou negativamente, através de sensações internas e externas como um componente fundamental ao desenvolvimento humano, inseparável da cognição e do ato motor. Ele defendia que a afetividade influenciava

[15] Na Educação Baseada no Lugar, o conceito principal é que o aprendizado deve ser contextualizado. Em vez de estudar a Floresta Amazônica em um livro (se a criança mora em São Paulo, por exemplo), ela deve primeiro estudar as árvores da sua rua, o córrego do bairro e a história da sua comunidade. É o mesmo que ensinar a criança sobre o seu território, é conhecimento, é cultura e é sobrevivência, pois tem os mesmos objetivos: pertencimento e cidadania. Se a criança ama o seu "lugar", ela terá o desejo natural de cuidar dele no futuro.

Sobel também fala em combater à "Ecofobia", criticando que se ensinei sobre tragédias climáticas antes do 5° ano escolar, pois pode gerar medo da natureza e fobia. Ele acredita que, primeiro a criança deve amar a natureza , conhecendo e brincando nela, para estabelecer um vínculo afetivo. Só depois, é que deve ser ensinada a salvá-la.

não somente na construção do conhecimento, mas na formação da identidade do sujeito.

Portanto, vejo na literatura infantojuvenil indígena e mesmo em alguns raros não indígenas, como por exemplo Um dia, um rio, (Pulo do Gato, 2016, de Leo Cunha e André Neves), uma literatura capaz de causar a ecoafetividade, deixando a criança amar a natureza, a enxergá-la como parte de si, a senti-la como a mãe que é. E, assim, poder usufruir da sua companhia e receber seus frutos para sua sobrevivência, de maneira agradecida e cuidadosa para que não falte nada a ninguém, pois a mãe, se cuidada, tem capacidade de prover a todos.

O capitalismo, fez uma verdadeira alienação parental entre a humanidade e a natureza. Ele desumanizou a Terra, para que pudesse transformá-la em recurso material a ser explorado. Para a área do Direito, a alienação parental ocorre quando há uma manipulação psicológica de uma criança, onde um de seus pais induz ao seu filho a sentir medo, desrespeito ou hostilidade injustificados em relação a outros membros da família. Neste caso, o capitalismo, nos afastou não só do nosso pai, o céu, como de nossa mãe, a Terra. Nos criando dentro de sua visão de exploração ao máximo tanto da Mãe-Natureza, quanto dos nossos outros familiares, árvores, rios, minerais, vegetais e animais.

Segundo os recentes dados do IBGE de 2022, temos 391 etnias indígenas no Brasil e que falam 295 línguas diferentes (as que conhecemos). E não é só isso, eles têm culturas e cosmovisões diferentes. Poderia ser óbvio, mas não é, porque os livros de história e os didáticos, ensinaram e alguns ainda ensinam errado. A escola ensina a cosmovisão[16] indígena e africana como folclore, desrespeitando a crença espiritual ainda viva entre os indígenas e os negros. Para nós indígenas, o universo é uma rede complexa e toda interconectada, onde natureza, seres humanos, espíritos e ancestrais estão em relação mútua e sagrada. Através de nossas histórias e rituais,

[16] Cosmovisão é um conceito fundamental da filosofia e da epistemologia alemã, cunhado por Immanuel Kant em sua obra “Crítica do Juízo”(1790) e refere-se a percepção geral do mundo. Pode ser definido como o conjunto de crenças e valores que molda a forma como o indivíduo interpreta a realidade e age no mundo. É uma narrativa de sentidos que ajuda a explicar o porquê das coisas.

de transmissão oral, em sua maioria, perpetuamos nossa visão de mundo, dando sentido à origem do mundo e à vida[17].

Em seu livro *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019), krenak critica "a separação entre humanidade e natureza, uma das grandes causas da crise ecológica que vivemos hoje". "Fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ela é uma coisa e nós, outra: a Terra e a Humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza." (KRENAK, 2019, p.16-17).

Portanto, além de queremos trazer esse conceito de ecoafetividade para a escola, através da literatura indígena infantil, o movimento indígena deseja que a escola ensine que nossos seres encantados, como o Kurupira, a Iara e o Jaxy Jaterê (saci) são cosmovisões e não folclore, queremos que autores indígenas contem suas histórias e mitos; que se um não indígena conte um mito de um determinado povo originário, o cite, pesquise para entender como aquele povo vive, se relaciona com a natureza, sua língua e costumes. Isto tanto para ilustrações como paratextos. E seria importante o MEC atualizar a BNCC ao invés de chamar de folclore, aceitar que são encantados da cosmovisão indígena, afinal aprendemos mitologia grega e não folclore grego. Assim como falam dos santos das festas juninas, outra apropriação cultural. Não há festa mais indígena do que a Festa de Junho, época da colheita, onde celebramos em volta da fogueira, cantando e dançando, e comemos iguarias a base de milho, amendoim, pinhão e mandioca.

Outra frente de luta é mostrar que os indígenas não estão apenas na região do Norte e Nordeste, no Xingu, na Floresta Amazônica, mas bem perto da gente. Em muitas cidades, nas capitais, perto da Mata Atlântica, no Cerrado, no Pampa e no Pantanal. Embora seja extremamente violento a luta pela retomada da terra ou preservação dela e principalmente dos rios. Os indígenas são assassinados e

[17] Esse entendimento ancestral dessa relação com a Mãe Natureza tem sido sistematizada de forma escrita por pensadores indígenas, sendo os pioneiros, Ailton Krenak, Kaká Werá, Daniel Munduruku e Eliane Potiguara.

violentados por grileiros, pelo agro, pelos mineradores, especulação imobiliária, e até por alguns governos.

São Paulo, capital, tem aldeias próximas das cidades, assim como em todo o litoral paulista e em diversos Estados do Sudeste, Centro Oeste, Sul, Nordeste e Norte. Nós, indígenas, estamos aldeados perto das cidades e até em contexto urbano, não deixamos de ser indígenas porque usamos celular ou calças jeans. O perigo da literatura infantil e dos livros didáticos mostrarem apenas os indígenas aldeados nas florestas do Norte do Brasil é apagar que há a realidade dos indígenas em contexto urbano, mostram que os indígenas estão distantes dos grandes centros, portanto, não é um problema de ação local, quando na verdade é: mais de 60% dos indígenas vivem nas cidades, segundo o IBGE.

Acredito que os livros didáticos e paradidáticos não deveriam apenas mostrar o indígena na floresta amazônica. Isso reforça um estereótipo. A literatura indígena tem que trazer também personagens que vivem entre a aldeia e a cidade e todo tipo de preconceito e violência que sofrem nesse conflito entre dois mundos tão diferentes, num mesmo país. Se possível, trazer obras bilíngue, na língua do povo do escritor que narra a história. Para que nossos jovens indígenas se vejam representados na literatura, na tv, nos filmes etc. Assim, como os jovens negros precisavam de ter heróis, princesas, reis, personagens com representatividade na literatura.

São muitas as culturas indígenas, mas todas têm um fundamento único: a forma como se relacionam com a Natureza, que é a mãe. A partir dessa visão única, da prática educacional que é feita por toda a aldeia, diretamente na natureza e na oca e na opy (casa de rezos). Seja nos povos onde a autoridade é o cacique ou o líder espiritual (que existe com vários nomes, nós guarani chamamos de pajé), ou onde existem ambos, ou onde a mesma pessoa tem as duas funções.

Por isso, quero trazer exemplos de obras que despertam essa relação com a natureza e que quebram estereótipos do indígena ingênuo, bonzinho e que é preguiçoso e não gosta de trabalhar. A ideia é tirar da terra, apenas o que é preciso, e não acumular. Isso garante que todos tenham, inclusive, as futuras gerações.

Uma vez que parte do nosso dia é cantar e dançar, o que para nós não é só diversão é rezo, é saudar e agradecer porque vemos o sagrado em tudo que fazemos e em tudo que existe na natureza. É o som e a fumaça do cachimbo e da fogueira que usamos para levar nossos agradecimentos aos deuses no céu (que são vários, não só Tupã, e que em cada etnia tem um nome diferente). A fumaça é a nossa comunicação com o deus criador, que nos responde em sonhos. É olhando o céu que aprendemos o tempo do plantio, das chuvas, das colheitas. É ouvindo os animais e o vento que sabemos sobre a chuva. É sentindo a terra que sabemos a hora de mudar a roça de lugar. É das plantas e raízes que temos a cura que precisamos.

A Mãe-Natureza dá água, alimento, abrigo, beleza e cura. O que nós damos a ela? Lutamos tanto por nossos direitos e esquecemos do direito dos animais, vegetais, minerais, das águas e da terra.

Pode a literatura infantil e juvenil nos fazer amar a natureza antes de termos que salvá-la? É essa a pergunta que esse artigo quer responder. E, para tanto, trago a história Pena Vermelha, que criei quando uma ONG internacional convidou o Mulherio das Letras Indígenas para criar uma história de Contos de Fadas, com uma princesa indígena. Como não temos esse conceito de realeza em nossa cultura, nem fadas, o Mulherio descartou a participação.

Mas, depois de refletir sobre isso, eu acordei pensando e se usasse o Conto de Fadas da Chapeuzinho Vermelho, uma das histórias mais conhecidas no mundo e amada pelas crianças, para fazer esse encontro entre duas culturas diferentes.

Escrever sobre uma criança, uma fera, um caçador e um ancestral para mostrar como a história do mundo, poderia ser diferente, caso a cultura e os saberes dos povos originários fossem respeitados por todos. Era minha primeira história baseada na ecoafetividade. Uma história que contou com a participação das escritoras de Kuri, Lucia Tucuju e da ilustradora Ani Ganzala. E que foi acolhida pela Editora Joaninha. Lançada em abril de 2025.

Pena Vermelha

São poucos que têm o privilégio de conviver com a natureza e os animais, uma minoria. Então, a escola precisa urgentemente promover essa reconexão para garantir a sobrevivência humana. Uma escola integral, que ensine sobre o território da criança e garanta o contato dela com o meio ambiente. Porque a escola não transmite apenas conteúdos, ela forma visões de mundo, como disse o grande educador brasileiro, Paulo Freire, em suas obras Educação como Prática da Liberdade (1967) e Pedagogia do Oprimido (1975).

Para Freire, a escola tinha o papel de ensinar a ler o mundo e nele intervir para transformá-lo:

> "Partíamos de que a posição normal do homem, como já afirmamos no primeiro capítulo deste trabalho, era a de não apenas estar no mundo, mas com ele. A de travar relações permanentes com este mundo, de que decorre pelos atos de criação e recriação, o acrescentamento do que ele faz ao mundo natural, que não fez, representado na realidade cultural. E de que, nestas relações com a realidade e na realidade, trava o homem uma relação específica – de sujeito para objeto – de que resulta o conhecimento, que expressa pela linguagem.". (FREIRE,1967, p.111)

Por isso, acredito que nós precisamos colocar as crianças no centro dessa discussão ambiental porque isso afeta diretamente o futuro delas.

Da mesma forma, a literatura tem esse papel, o de ampliar a visão de mundo. Um caminho a ancestralidade utiliza na educação indígena oral, desde os tempos mais antigos, através das contações de histórias, que agora se eternizam e podem chegar a todos através da literatura infantil indígena, como disse Daniel Munduruku (MUNDURUKU, 2019), é essencial para reescrevermos a história do Brasil,

promovendo o respeito, a diversidade e fortalecermos a identidade e os direitos dos povos indígenas.

Quando eu iniciei meus estudos em Literatura Infantil percebi o poder dos livros para fazer essa cura da Terra, já iniciada pelos que vieram antes de mim: Daniel Munduruku, Eliane Potiguara, Graça Garaúna, Kaká Werá, Márcia Kambeba, Auritha Tabajara, Lúcia Tucuju, Olívio Jecupé e tantos outros. E, assim, surgiu a ideia de Pena Vermelha porque partia de uma visão de mundo que milhares de crianças em todo o mundo conhecem: a narrativa da floresta como um lugar perigoso, de um animal como o vilão.

Para os juruá, a FLORESTA é lugar de medo. É desconhecido, é perigosa, assim como os animais. Nos colocam medo e nos afastam dela. Para nós indígenas, a FLORESTA é lugar sagrado. É conhecimento, faz parte de nós, é família, assim como os animais. Nós aprendemos a respeitá-la, a pedir licença e proteção para andar nela e nos conectamos porque somos parte dela.

A primeira escritora indígena do Brasil, Eliane Potiguara, já disse que a literatura é mais do que arte: “é uma estratégia fundamental de resistência”. (Grumin, 2019). Para ela, a escrita indígena: “serve para tirar a invisibilidade dos povos originários, valorizar a ancestralidade, denunciar violações de direitos humanos e traduzir a cosmovisão e a espiritualidade de suas etnias.”

Assim, a inspiração veio: se o encontro entre uma menina, uma fera, um ancião e um caçador acontecesse dentro de uma reserva indígena, em plena Floresta de Mata Atlântica, como essa história terminaria? Os leitores são convidados a rever essa história clássica e a relação entre o bom caçador e a fera má.

A menina indígena Juçara, apelidada na escola de Pena Vermelha, pelas crianças não indígenas porque usa uma tiara de penas dessa cor, precisa ir visitar a avó que vive na aldeia, dentro da floresta. A mãe alerta sobre a cobra surucucu e pede que caminhe pelo sol para evitá-la, e pede atenção da menina: “fique atenta ao vento e aos pássaros: eles sempre dão avisos.”. Antes de partir, as duas cantam para pedir proteção.

Há perigos na mata, mas sempre foi ensinada a evitá-los. Por onde andar, os horários dos bichos, a atenção aos sons. Porém, o desmatamento tem gerado a escassez nas florestas e os animais estão confusos, perdidos em busca de comida. Neste novo cenário, a menina se depara com uma jaguatirica fêmea.

O animal percebe que é uma criança e não ataca. Como a menina silencia e se aquieta, a jaguatirica passa por ela e vai atrás de uma presa mais robusta. Porém, aparece um não indígena que tenta atirar no animal.

> "— Não mate, a jaguatirica está magra demais! A carne não vai saciar a sua fome! – gritou Pena Vermelha.
>
> — Ora, menina, não ia comer a onça não!
>
> — Então por que matá-la? — questionou Pena Vermelha.". (...)
>
> Se me matasse seria para se alimentar e viver. Mas acho que preferiu uma presa maior. Está difícil encontrar alimento na floresta. Vocês, homens da cidade, estão derrubando tudo. As árvores estão mortas, os animais estão ficando sem ter para onde ir, sem ter o que comer. Os bichos perdem as tocas, os passarinhos ficam sem os ninhos.
>
> — Vocês também caçam.
>
> — Sim. Quando precisamos comer. É a lei da floresta. Pedimos licença para matarmos um irmão e não matamos fêmeas para que possam reproduzir.
>
> — E aonde você ia sozinha no meio da mata? — falou o caçador João, para mudar de assunto.
>
> — Visitar minha Jari, minha avó. Ela está doente. Minha mãe mandou alimentos para ela.
>
> — Hum... — pensou o caçador: "Eu já conheço essa história: uma menina, uma fera, uma avó e um caçador", e riu consigo mesmo.

(...) Vamos conversar com meu xeramõi, meu avô, ele é o pajé e cacique do meu povo. E você também precisa conhecer minha jari. Ela é sábia e poderá dizer se é caso de alegria ou de tristeza você ter deixado a jaguatirica escapar.

(...) Hoje vim conhecer esta reserva indígena. Não sei ainda se estou alegre ou triste por não ter acertado o tiro na onça, quer dizer, jaguatirica...

E a menina segue na defesa do animal tentando convencer o caçador que a onça estava ali buscando sobrevivência, explica que os homens da cidade estão destruindo a floresta, desabrigando os animais, e ensina a ele a lei da floresta. O caçador ainda não entende, mas é convencido pela menina a ir falar com seu avô, uma vez que ele, como não indígena, não sabe escutar uma criança, mesmo acreditando que a menina tem muita coragem em andar sozinha na mata.

Quando está com seus avós, mostra respeito pelo conhecimento que recebeu deles, a menina continua falando da necessidade de restaurar o equilíbrio na natureza, e seu avô, o pajé demonstra o orgulho do conhecimento da neta. E a avó, pergunta ao caçador:

" — No que você pensa quando está caçando?"

— Sei lá... Em pegar muitos bichos, ter bastante carne para mim, trocar o que sobrar por outros alimentos, vender a pele deles, ganhar uns trocados pra mulher e os filhos... Ir à vendinha também e tomar uns goles de aguardente.

— Só isso?

— Sim, senhora.

— Já imaginou que, se matar um tamanduá, uma porção de formigueiros ficarão em festa? (...)

— Já pensou que se matar uma jaguatirica fêmea, os filhotes dela morrerão à míngua?

— Viu, João? — falou Pena vermelha. — O caso da jaguatirica é de tristeza, não é de alegria.

— Mas eu preciso ter trabalho pra ganhar dinheiro. (...)

— Ô, João! — falou a anciã. — Você é um homem forte, direito! Conseguirá fazer qualquer trabalho, criar o próprio serviço...

(...) Imagine que você é o lenhador — continuou a menina. — Aí, você vê uma árvore enorme. Pensa nas raízes centenárias, na copa verde que limpa o ar, nos macacos que pulam de galho em galho, nos ninhos dos pássaros?

— Claro que não! — disse o moço.

— O lenhador olha para baixo, não olha para cima, só vê o tronco da árvore diante dele! E baba, pensando no lucro! — afirmou Pena vermelha.

— Já entendi! — falou bem alto o caçador. — Olhar para o céu de dia e ver o azul sem fim, olhar para o céu noturno e ver milhares de estrelas, olhar ao redor e ver que tudo está vivo, olhar pra a vida e ver que tudo está enredado.

— A gente morre aos poucos quando vai cortando os laços com o que nos rodeia — falou a menina. A gente morre de vez, mesmo que continue andando por aí como alma penada, quando se esquece que depende, para estar bem, de cada elemento da natureza. Parece que ninguém pensa que a natureza é um ser vivo e tem direitos. Querem mudar curso de rio, represar, fazem queimadas, poluem os rios... É muito triste.

João abaixou a cabeça para que ninguém visse seu olhos cheios de lágrimas. Lembrou que seu avô falava que o pai dele era filho de uma indígena e de um português, apesar de nunca ter ido numa aldeia nem ter aprendido os costumes, lá, no fundo de sua alma, havia um chamado. (...) Ele sentiu-se em paz, pela primeira vez ali, naquela casa simples de barro, bambu e folhas, que continha somente o necessário.

— Posso deixar essa arma aqui, com o senhor? Não pretendo mais caçar.

— Então, pode vendê-la — disse o pajé,

— Prefiro deixar guardada aqui para ter uma arma a menos no mundo — disse o moço, agradecendo a prosa, o lanche e se despedindo.

— Vô! Vó! Sabem o que o João vai jantar hoje à noite?

— Sabedoria — respondeu a anciã.

— Por isso, devemos acolher as pessoas, elas precisam de entendimento, matutar, deixar brotar a semente no coração e, acima de tudo, regar para que não morra — disse o pajé.

— Nossa vovô, como o senhor faz as coisas parecerem simples!

— mas é porque é desse jeito, desde o princípio. A transformação disso é que é errada.

E os três se abraçaram, pegaram seus maracás entoaram um canto sagrado para comemorar aquela pequena vitória (...)

A obra Pena Vermelha, escrita por mim, Kuri e Lúcia Tucuju é para ser lida por crianças maiores, mas pode ser contada para as crianças menores. Para jovens e

adultos ainda há um posfácio que conta um pouco da filosofia dos povos originários em relação à Mãe Natureza e a invasão dos portugueses.

Quando leu pena vermelha, Eliana Potiguara me escreveu:

> "O Brasil precisa assumir mais suas reais raízes indígenas, mesmo porque os povos negros que vieram da África eram povos originários, povos étnicos conhecedores das culturas e línguas tradicionais. A colonização europeia, ao longo de séculos, impôs aos novos brasileiros valores alienados e cheios de moralismo e racismo. Está na hora de o Brasil compreender seus reais conhecimentos tradicionais, incluindo a nossa ética e a cultura da natureza. **Livros como esse contribuem para a desconstruir esse passado maldito. Vivamos nossa realidade, nossa cultura indígena e percebamos melhor o real valor das relações humanas, a partir deste enfoque originário**".

Pena Vermelha foi escrito quando eu estava no início de minha retomada, muito impactada pelo que estava reaprendendo, mas ainda muito racional. A escrita não fluía direto do coração, a programação da mente, fruto de mais 20 anos de estudo e escrita formal, ainda não me deixava totalmente segura para seguir só a inspiração.

Tudo foi se transformando com *Sementes*, (Vanessa Guarani Ratton e Ana Maria Sena, Editora do Brasil, 2025), e com Meu avô, o rio (ainda sem casa editorial definida). Os textos passaram a vivenciar a história, a mostrar, a contar, e não apenas a dizer. Como os trechos que destaco abaixo:

> "Ivytu, o vento, soprou forte e fez cair frutos na terra. Um pássaro tucano voou, quebrou o fruto ao meio e pegou uma semente, levando-a em seu bico. E o vento levou o menino-semente para o outro lado do rio, onde o pássaro estava pousado numa embaúba. (...) Então, Werá Mirim sentiu em seu coração

> que era preciso construir uma nova aldeia.”. (RATTON, Sementes, 2025,16-21).

E, em Meu avô, o rio, mostramos o conceito da ancestralidade vertical e horizontal. Tudo que vive já foi terra, água, mineral, vegetal ou animal, por isso, na natureza estão nossos antepassados e um dia estaremos nós, assim como parte do rio está em nosso corpo, quando bebemos água, e parte da terra, dos minerais e dos animais, através dos alimentos, que precisamos para viver, também estão em nós. Assim, um dia, nossos corpos também alimentaram a terra, se decompondo e a nutrindo.

> “ A mãe, preocupada, a levou para conversar com o pajé, que explicou que o avô não ia gostar de vê-la triste. Pediu que ela o buscasse na natureza. Mas, Ara Poty não sabia onde encontrá-lo.
>
> Ela andou toda a tarde pela mata. Tentou ouvir a terra, abraçar uma árvore, mas não sentiu o avô ali.
>
> À noite houve uma tempestade e um raio iluminou a escuridão, seguido de um forte trovão, mas o tamõi, era doce e pacífico, a menina não o sentiu ali.
>
> Ara Poty foi até o mar, pisou na areia e sentiu o carinho dela nos seus pés. Correu para a grande água, Paraguaçu Porã, e perguntou se seu avô estaria ali, mas logo viu que o mar era agitado, inconstante. Não era como seu vô.
>
> Numa tarde, uma ventania a fez lembrar de conversar com o vento. Fechou os olhos e silenciou. Deixou a brisa tocar seu rosto. Era uma sensação boa, mas a mão do avô não estava ali.“. (RATTON, Vanessa. Original, 2025, p.2)

Sementes narra a história de um menino guarani que é veloz como o espírito de seu nome, o relâmpago, e que sonha com grandes chuvas que trarão enchente do rio. Ele conta o sonho ao pajé, e como as crianças são ouvidas na aldeia, todos passam a construir um novo lugar para se mudarem, pois entendem que é chegada a hora

daquele pedaço de terra, onde estava assentada a aldeia, se regenerar para poder continuar vivo.

Em *Meu avô, o rio*, a pequena menina guarani tem saudades do seu avô que encantou, e precisa se conectar com a natureza para descobrir onde poderá se reconectar com o espírito dele. Para nós, guaranis, nossos ancestrais vivem no mundo espiritual em contato permanente conosco, nos guiando, protegendo e trazendo mensagens. Por isso, acreditamos que não existe passado e futuro, só o agora, agindo em nós e transformando o tempo todo, num tempo cíclico, assim como funciona a natureza: começo e recomeço.

Esse aprendizado obtive das escutas das parentes do Mulherio das Letras Indígenas, principalmente Ana Silva Kariri, Claudia A. Flor D´Maria, Eva Potiguara, Joana Chagas, Luana Guarani, Lucia Tucuju, Márcia Kambeba e Nôra Pimentel, agradeço as partilhas e vivência em nossos encontros presenciais e virtuais. Agradeço especialmente aos meus parentes guaranis da Aldeia Rio Silveiras pelo acolhimento e convívio e também a todo aprendizado através das leituras das obras de filósofos e escritores como, Ailton Krenak, Daniel Munduruku, Eliana Potiguara e Kaká Werá. Eles me ensinaram a ouvir meus sonhos e meu coração. Agradeço a todos que vieram antes de mim e reverencio a força ancestral, que minhas palavras sejam flechas a tocar os corações dos não indígenas. E, por último, agradeço A Casa Tombada, onde cursei a pós-graduação que deu origem a este artigo.

Sementes e *Meu avô, o rio* foram obras muito mais fluidas e sentidas, pois nasceram durante as aulas n´A Casa Tombada, espaço de saber acolhedor e repleto de vivências, oralidade e afeto. Foi também no decorrer deste curso, nas partilhas das histórias de professores e alunas que ganhei uma nova escrita, me permitindo a desaprender estruturas engessadas da escrita formal e acadêmica e a dar voz ao coração: pyá mongeta.

Na minha pesquisa e divulgação da literatura infantil e juvenil, trabalho que realizo voluntariamente como colaboradora do jornal A Tribuna de Santos, mantendo uma coluna quinzenal, tenho priorizado a leitura e a resenha de autoras indígenas e após sete anos, lendo tantas obras de parentes, consegui perceber que a Literatura

Indígena tem o papel de resistência, resgate da oralidade, preservação da cosmovisões, defesa ambiental, identidade e memória ancestral.

A literatura escrita indígena é profundamente conectada à sua ancestralidade oral, e essa transição mantém as marcas da fala, por isso, a estrutura costuma imitar a roda de conversa: o narrador retoma acontecimentos, dialoga com o leitor/ouvinte, repete cantos e mitos que se cruzam, formando uma rede de saberes em vez de uma sequência de eventos.

Conclusões: Pya Mongeta

Deixo aqui um pensamento: que as Leis 10.639 e 11.645, que tratam do ensino das culturas afrobrasileiras e indígenas e a Lei 14.926, sobre mudanças do clima e proteção da biodiversidade, promovendo a educação ambiental, devem andar juntas e permear todo o currículo, o ano todo, pois não é sobre lembrar desses povos e do território em datas específicas, é sobre garantir direitos e fazer a transformação social, porque é um novo modo de andar sobre a terra, de ser e estar no mundo, o Teko Porã, nosso bem-viver. Juntos educação ambiental, cultura africana e indígena formarão um tripé que sustentará a base da escola antirracista.

É um projeto de futuro que já começou. Porque as mudanças climáticas também já começaram. Não tem como não ver ou, infelizmente , sofrer com elas.

E isso não é ser um educador engajado, é ser inteligente, é cumprir a legislação e respeitar a função social que a escola tem. E eu convido vocês a iniciar essa sensibilização pela literatura. Porque na literatura infantojuvenil ecoafetiva, em geral, escrita por autores indígenas, não será falado de catástrofes e fim do mundo, mas sim estaremos num território formado por livros que criem um vínculo afetivo, com a natureza.

Porque essas histórias vão sensibilizar as crianças apresentando animais que pensam e conversam com os humanos, árvores como parentes, florestas que são casas, rios que contam sua história. Despertando o pertencimento e o reconhecimento como parte de um todo que é a natureza. Um ambiente onde todos somos um e que o equilíbrio existe quando todos são respeitados. É dar oportunidade real das crianças descobrirem a responsabilidade coletiva. E, pensarem novas formas de "adiar o fim do mundo", com a criança no centro da Educação, afinal contribuindo com a preservação do futuro delas.

Por isso, a literatura indígena é resistência, é memória e preservação das diferentes cosmovisões dos povos, deve falar também dos indígenas como seres atuais, em contexto urbano e aldeados. Precisamos mostrar às editoras que é preciso manter a nossa literatura não linear, ou seja, circular, com começo e recomeço e não começo, meio e fim. E, pode ter ritmo de oralidade, pode ter estrutura híbrida (conto, poesia, música, só imagem).

Valorizar os autores, ilustradores e editores indígenas. Tem mitos e histórias que são de determinados povos e não de todos. Precisamos falar desses povos e seus territórios e mitos. As obras deveriam ser bilingues para que nossas crianças indígenas possam ler na língua materna. Precisamos de uma categoria própria deste tipo de literatura com critérios que respeitem a nossa cultura em premiações.

Mostrar que para nós, o tempo é sempre presente porque passado, presente e futuro conectados. Nosso tempo não é o do relógio, mas o tempo cíclico da natureza. Que nossos encantados não são folclore ou lenda: são mitos. Isso precisa ser mudado também na BNCC.

Os encantados são espíritos da Natureza, com origens humanas ou não humanas, a depender da tradição do povo. A folclorização é uma prática de epistemicídio que deslegitima a cultura e a espiritualidade indígena, reduzindo seus saberes a lendas.

Acredito que precisamos decolonizar a literatura, rompendo com a visão eurocêntrica e hegemônica dando voz e ouvidos a autores e perspectivas

historicamente silenciados. E através da bibliodiversidade da literatura vamos decolonizar também a escola. Essa questão merece um estudo maior e espero que isto ocorra. É preciso pensar mais sobre isso. Afinal, nem todo saber cabe no modelo do Ocidente. A escola fala de diversidade, mas continua ensinando baseada num único centro, como se só houvesse um modo de conhecer, uma única e legítima ciência, uma única forma de progresso e futuro. Como se os outros saberes fossem mera curiosidade. Krenak fala que isso é uma tolerância decorativa, porque a questão não é só sobre saberes, mas sobre outras formas de existir neste mundo. Uma vez que conhecer não é só acumular informações, mas habitar relações com a terra, rios, com os ancestrais, com a comunidade, com o tempo e com a vida.

Para isso, Krenak diz que não bastar saber que existem os saberes tradicionais, mas questionar que está produzindo o conhecimento? Como ele se relaciona com o território? Que mundo o currículo da escola valoriza?

Entendo que não adianta celebrar a diversidade se a gente não mudar as relações de poder, quem está escrevendo o discurso e que mudo defende?

Na língua guarani, temos uma expressão quando a gente quer pensar sobre alguma coisa, que é py'a mongeta. Que significa conversar com o coração. Isso é o que é para nós, o pensamento. E eu convido a todos a ouvirem, de verdade, o coração de vocês e contribuírem pra salvar a nossa casa, o nosso planeta, a Mãe Terra, e agirem no futuro agora. Espero que a literatura indígena os inspirem para isso. Aguyje (obrigada).

Referências

CUNHA, Léo. *Um dia, um rio*. Pulo do Gato, São Paulo, 2016. 32 p.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Editora Paz e Terra, 1968. 256 p.

_____. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. Editora Paz e Terra, 2019. 144 p.

GAUTHIER, Jacques Moendy. Sociopoética e Contracolonialidade. Dialética Ed, São Paulo, 2024.140 p.

GUAJAJARA, Sônia. Entrevista Programa Roda Viva, TV Cultura, São Paulo, em 21 de março de 2023.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. Companhia das Letras, 2020. 128 p.

_____. *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*. Companhia das Letras, 2019. 64 p.

_____. *Futuro Ancestral*. Companhia das Letras, 2022. 128 p.

BRASIL, Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003. Estabelece diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", DF: Presidência da República, (2003). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm

_____. **Lei nº 11.645**, de 10 de março de 2008. Estabelece diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena", DF: Presidência da República, (2008). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm

_____. **Lei nº 14.926**, de 17 de julho de 2024. Altera a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, para assegurar atenção às mudanças do clima, à proteção da biodiversidade e aos riscos e vulnerabilidades a desastres socioambientais no âmbito da Política Nacional de Educação Ambiental, DF: Presidência da República, (2008). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2024/lei/l14926.htm

LEWIS, Jerome. Knight, Chris. *Manifesto pelo florescer da diversidade*. Tradução: Marina Matheus. Dante, Rio de Janeiro, 2025. 160 p.

LUZ, Ananda. Pataxó, Carina. Piauí, Juliana et al. *Infâncias e Leituras:* presenças negras e indígenas na literatura infantil. Org. Márcia Licál. Pulo do Gato, São Paulo, 2024. 216 p.

MUNDURUKU, *Daniel. Coisas de Índio*. São Paulo, 2019, 3º edição. 56 p.

NAEBY, Jeremy. *A serpente Cósmica: o DNA e a origem do saber*. Dantes, Rio de Janeiro, 2018. 268 p.

PRANIS, Kay. Processos Circulares. Teoria e Prática. Palas Atenas, São Paulo, 2010. 104 p.

POTIGUARA, Eliana. Metade cara, metade Máscara. Grumin, Rio de Janeiro, 2019. 164 p.

RATTON, Vanessa Guarani; Kuri, Tucuju, Lucia. *Pena Vermelha*, Editora Joaninha, São Paulo, 2025. 56 p.

ROSENBERG, Marshall. Comunicação Não Violenta. Editora Ágora, 2021. 280 p.

SILVA, Klever Aparecido. Disponível em: https://noticias.unb.br/artigos-main/7855-por-uma-amefrica-ladina-contracolonial. (26 de fevereiro de 2025). Acesso em 16 de março, 2026.

SILVERSTEIN, Shel. *A árvore generosa*. Companhia das letrinhas, 2017, 64 p.

SOBEL, David. *Place-Based Education: Connecting Classrooms & Communities*. Orion Society, São Paulo, 2006. 105 p.

WALLON, Henri. *A Evolução Psicológica da Criança*. Martins Fontes, São Paulo, 2019, 176 p.

WERÁ, Kaká. *O trovão e o Vento*: um caminho para a evolução pelo xamanismo tupi-guarani. Editora Polar, São Paulo, 2021. 250 p.

_____. Tupã Tenondé: a criação do Universo, da Terra e do Homem, segundo a tradição oral Guarani. São Paulo, Peirópolis, 2001. 112 p.

_____. Tekoá: uma arte milenar indígena para o bem-viver. BestSeller, Rio de Janeiro, 2024. 172 p.

ZIRALDO. *FLICTS*. Melhoramentos, São Paulo, 2019, 80 p.